

## PROJETO PANARÁ - relato das atividades em setembro/1993

No início do mês setembro desloquei-me para o Parque do Xingu para, entre outras atividades, realizar a expedição de plantio da roça dos Panará, a qual havíamos derrubado no mês de junho, conforme descrito em meu último relatório de atividades, sendo que a leitura deste relatório é pré-requisito para compreensão do presente texto..

Realizamos reunião na Aldeia dos Panará no dia 06/09 para discutir os encaminhamentos do processo jurídico e discutir com as lideranças a operação de plantio. Também participaram desta reunião André Villas-Boas, do CEDI que se encontrava em viagem de trabalho no Parque e Steve Schwartzsma, que já a aproximadamente 10 dias encontrava-se naquela Aldeia. Ficamos menos de 24 horas na Aldeia. A reunião foi muito rápida, sendo que em seguida, André e Steve se deslocaram para Brasília e eu continuei no Parque.

A reunião contou principalmente com a presença dos mais velhos e concentrou-se basicamente na reformulação da proposta de área que os Panará vão requerer a justiça Brasileira. Pouco se aprofundou com as lideranças sobre os riscos que estavam colocados a perspectiva de mudança a curto prazo, e também não se comentou que havia pouco recursos disponível para a mudança, e que não estava fácil a captação de mais. Seguindo orientação do Conselho da FMV, tentei aprofundar sobre estes temas, o que se constituiu numa iniciativa solitária e pouco eficaz. Decidiu-se na reunião que a FMV e os Panará realizariam o mais breve possível o plantio da roça.

Um grupo de oito Panará, principalmente jovens encontrava-se no Posto de Vigilância BR-080, aguardando o momento de se deslocar ao antigo território para o plantio da roça, e não participaram da reunião na Aldeia. Estavam bastante preocupados com o fato de as chuvas terem chegado muito cedo a região, todos os dias chovia, o que poderia inviabilizar a queima e plantio da roça.

Recebi orientação do Conselho Administrativo e do Diretor-executivo da FMV, para que não desencadeassemos nenhuma ação sem que tivéssemos informações mínimas sobre a repercussão na região de nossas atividades anteriores, bem como a participação de algum representante da Funai.

Observei que havia uma pressão constante dos grupos vizinhos sobre os Panará, o que incomodava o grupo. A pressão dava-se através de questionamentos constantes aos Panará sobre os perigos que eles terão que enfrentar no seu retorno ao território tradicional ("vocês vão se acabar"), e contraditoriamente, uma permanente pressão para que eles mudassem rápido. Observei que havia uma pressão de vários índios de outros grupos para que os Panará derrubassem logo a roça. Após a abertura da mesma, imediatamente começavam a questiona-los sobre quando iriam realizar o plantio.

Percebi que havia uma posição majoritária dentro do grupo de que aquele local onde foi aberto a roça, não era um bom local para fazer uma aldeia. Usavam vários argumentos: aquele local exigia uma grande caminhada a pé, e que futuramente esta seria muito difícil para velhos, mulheres e principalmente para o atendimento aos doentes. Falavam que ali era muito próximo das fazendas e posseiros, o que possivelmente poderia levar a conflitos, pois os "Panará são muito guerreiros".

Os Panará mais jovens tinham a consciência de que após realizado o plantio haveria a pressão para que o grupo se mudasse. E que não havia uma compreensão clara entre os mais velhos sobre os perigos da mudança para aquele local. Isso afligia os mais jovens, e provocava grandes tensões internamente.

Após a viagem de André e Steve para Brasília, passei a preparar a logística necessária para a realização da operação de plantio, mesmo com a ausência de informações sobre a repercussão junto aos fazendeiros e posseiros da região sobre a possibilidade de ocupação da área pelos Panará. Adquirimos mantimentos e outros materiais necessários e ficamos aguardando um posicionamento da Funai. No dia 11 de setembro, sábado, recebemos informação de Megaron de que um funcionário da Funai estava autorizado a participar da operação. Corriamos contra o tempo, pois o único avião disponível para nosso transporte até a fazenda Ipiranga, estava prestes a se deslocar para a região de Canarana, onde realizaria outros trabalhos.

No período entre a reunião na Aldeia ( 06/09 ) e comunicação de Megaron ( 11/09), o grupo de Panará que se encontrava no PIV BR-080, já com a presença do Cacique que participou da reunião na Aldeia, realizaram uma grande discussão, que culminou com a decisão anunciada por eles no dia 12/ 09, de não realizar mais o plantio da roça, mais aguardar o próximo ano e fazer uma roça definitiva em local mais seguro e de consenso, próximo a "lagoa grande", no rio Iri

Argumentaram também que já haviam gasto muito dinheiro com avião para realizar a derrubada da roça, e como estava chovendo muito, possivelmente iriam gastar mais dinheiro para plantar uma roça que possivelmente não queimaria bem e portanto não produziria alimentos.

Resolveram que o cacique Aká deveria vir a Brasília participar da reunião grande (Mobilização em Defesa dos Direitos Indígenas, 16/09 ), e conversar com todos os amigos dos Panará( FMV, CEDI, NDI, o indigenista Xara, a linguísta Luciana, e outros citados por eles ) para apoiar-os e conversar com o juiz.

É importante frisar que a todo momento nos colocamos a disposição dos Panará para realizar o plantio da roça, que montamos toda a logística necessária, sendo que fomos surpreendidos pela decisão dos mesmos de não realizar a operação.